



SANTUÁRIO DA SAÚDE: CORPO E EDUCAÇÃO PHYSICA NA PARAÍBA NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Azemar dos Santos Soares Júnior*

Universidade de Brasília – UnB

azemarsoares@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar a educação física divulgada por médicos e professores como mola propulsora para assegurar a saúde e o bem viver na Paraíba. São profissionais que viam no discurso científico e na modelação corporal, a “melhor” forma de possuir um corpo belo e saudável. Discursos que eram publicados nos jornais da Paraíba e que eram utilizados como instrumentos pedagógicos que visava educar através da educação física do corpo como higiene da alma. Textos que se inserem no projeto de medicalização dos costumes, dos espaços e dos corpos, que normatizam a partir da infância e contribuem para a formação de uma história da saúde e das doenças. Problematizo notícias do jornal *A União*, correspondências e artigos publicados no início do século XX por médicos sanitaristas e educadores que foram imprescindíveis para a construção dessa história do corpo que se exercita, que se embeleza, se higieniza, dessa História Cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física – Corpo – Saúde

ABSTRACT: This article aims to analyze the physical educations pread by doctors and professors like as prying board to ensure the health and welllivingin Paraíba. They are professionals who saw both in the scientific discourse and in shaping the body, *the best* way to on a beautiful and healthy body. Speeches that were published in news papers of Paraíba and were used as teaching tool say med at education through physical education of the body as hygiene of the soul. Texts that fall within the medicalization project of habits, spaces and bodies that regulates from child hood and contributes to the formation of a history of health and disease. Problematizing the newspaper The Union and its correspondence and articles published in the early twentieth century by sanitary doctors and educators who were essential to the construction of this history of the body that exercises, beautifies, cleans up itself, this Cultural History.

KEYWORDS: Physical education – Body – Health

Em um fim de tarde cinzenta do mês de agosto, os trabalhadores voltavam para suas casas após um longo dia de trabalho. As professoras arrumavam suas estantes, guardando os livros usados na aula de história geral. As meninas viravam a página do diário. Naquele mesmo instante, o zelador do Cinema Morse limpava as últimas

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília, onde desenvolve pesquisa sobre Higiene e Educação Física nas escolas da Paraíba. Atualmente é professora da Universidade Estadual da Paraíba.

cadeiras para a próxima seção. A bilheteria abria suas portas. O anunciante gritava: “Venham! Venham! Vai começar mais uma seção d’O Athleta do amor”, um filme dramático dividido em “sete longas e maravilhosas partes [...] repleto de belíssimas e empolgantes cenas cuidadosamente confeccionada e irreprezivelmente desempenhado pelos artistas da afamada fábrica Universal”.¹

Nesse filme, de “exibição magistral e arrebatador”,² é narrada a história de um homem americano que, devido a seus predicados físicos, encantava a população feminina de uma pacata cidade do interior. Dono de um corpo branco, musculoso e limpo, o personagem principal tornou-se um modelo de corpo desejado pelos homens e um exemplo de marido perfeito ambicionado pelas mulheres. Garbosamente, ele desfilava pelas ruas com camiseta regata, deixando, à mostra, seus fortes braços, pernas longas e rígidas, barriga musculosamente no lugar, ombros largos, gestos viris. O atleta despertava paixões de homens e mulheres que cobiçavam o corpo perfeito. Em diversas cenas, apresentava-se a fabricação daquele corpo: exercícios físicos, alimentação saudável, cuidados com a higiene, bons modos. Um homem perfeito físico e moralmente como aquele fez, na década de 1920, mulheres cochicharem, ficarem

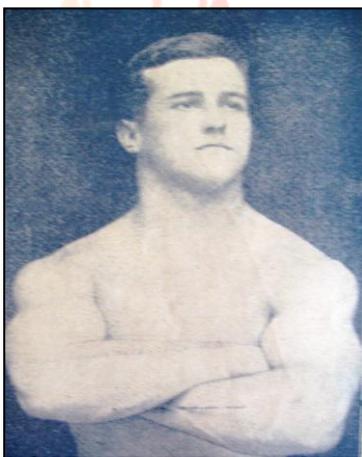


Figura 1: O famoso “Athleta do amor”. Fonte: **Revista Era Nova**, 25 abr. 1923.

nervosas com sua presença e terem excitantes sonhos durante o sono.

Uma realidade inacessível? Provavelmente não. O atleta estava dentro dos padrões eugênicos e higiênicos da época. Estava inserido nos padrões médicos propagados mundo afora e disciplinados pelas escolas ditas modernas. Eram os modelos de esportistas, nadadores, bombeiros e policiais utilizados para demonstrar à população o tipo de corpo perfeito a seguir.

Os exercícios físicos não asseguravam apenas a beleza, mas também a saúde do corpo. Para isso, os jornais e revistas passaram a intensificar a quantidade de matérias publicadas sobre a importância da cultura física, sua metodologia e predicados que tornavam o corpo um objeto que despertava desejos.

¹ **A União**, 26 ago. 1919.

² *Ibid.*

Estas publicações nos jornais da época faziam parte do programa de medicalização dos espaços, do corpo e dos costumes comum ao início do século XX. A maioria das matérias vinha da “capital federal e tinha a função de preparar a população para uma vida saudável, além de formar cidadãos enérgicos, dispostos para o trabalho”.³ Uma história da higiene que se imbrica com a história da beleza, dos cuidados, da polidez, da saúde e das doenças. Uma atividade que tem início com as longas caminhadas e se transforma na obrigatoriedade dos exercícios físicos.

No Brasil, até o século XIX, a atividade física mais habitual fora a “caminhada, o passo rápido com suas tensões e seus choques, o passeio misturando arcaísmo e modernidade [...] o porte ‘livre, de manutenção fácil’ e que provoca o embelezamento por seus abalos: as sacudidelas reiteradas ativam as partes”.⁴ Um exercício particular que não tinha a função específica de vigiar e corrigir o corpo, mas deixá-lo livre, solto, provocando a liberação das partes obstruídas e endurecendo as fibras. Um movimento que agita as carnes e acabava por enrijecê-las, unificando-as. Com o passar do tempo, especialmente com o aparecimento da ortopedia, o interesse pelos exercícios físicos tomam outros rumos: o corpo passou a ser visto como um retalho, onde todas as suas partes são contempladas. Os ombros não são mais importantes que as panturrilhas, ou que a barriga, ou mesmo que os braços. A ginástica buscou exercitar o corpo por inteiro. Os pesos recaíram para todas as partes do corpo. A ginástica fazia parte de um discurso científico que a compreendia como um importante modelo de educação corporal que integra do discurso do poder, além de ser “parte integrante dos novos códigos de civilidade”.⁵

Foi sobre as crianças, vistas como a geração do futuro, que recaíram os novos parâmetros educativos e higiênicos. Uma modelação dos sentidos provocada pela medicalização da escola e pelos novos preceitos pedagógicos da escola dita moderna. A infância passou a ser a fase em que a disciplina podia ser ensinada, obrigada e divulgada. Uma forma de controle que faria a sociedade colher frutos mais adiante com o amadurecimento dessas crianças, o combate à proliferação de todos os tipos de

³ SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos. **Corpos hígidos: o limpo e o sujo na Paraíba (1912-1924)**. 2011. 198 f. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

⁴ VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 96.

⁵ SOARES, Carmem. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 113.

doenças e a correção das posturas. Uma ação de higiene pública que almejou “garantir o bem estar à saúde e não apenas a proteção militar e física, daí a reflexão sobre as belas proporções corporais vindas de iniciativas coletivas”.⁶

As escolas são lugares por excelência de disciplina. Afirma o que é possível [ou não] fazer. Nesse sentido a educação física como “conteúdo escolar conquista um lugar privilegiado para ensinar modos de olhar e de preferir”.⁷ Segundo Michel Foucault⁸ as escolas eram lugares de realização de processos empíricos e refletidos com a finalidade de controlar o corpo: submissão e utilização. Cria normas, submete os alunos a determinadas práticas para num futuro próximo possuir um corpo útil, ou seja, saudável e forte para o trabalho. Nas escolas, o corpo passou a ser visto como objeto de investimento social, daí a importância de disciplinas normativas para o corpo: a educação física.

O surgimento das disciplinas, a exemplo da educação física,

É o momento em que nasce a arte do corpo humano, que visa não unicamente uma arte do corpo humano, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo uma manipulação calcada de seus elementos, de seus gestos de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe.⁹

O corpo não era visto apenas como espetáculo, mas como parte de uma ciência que o ressignifica “sob a ótica da utilidade, da economia de energia, da moral e da higiene”.¹⁰ Uma escola que através da “disciplina” vão cuidar do corpo e combater os excessos vividos fora de seus domínios. Um lugar que transforma o corpo naquele que está em constante movimento, que possui finalidades diversas, todas sob o controle daquilo que era dito científico. A escola era o lugar apropriado para difundir as normas do bem viver. Ela potencializa o corpo e seu aproveitamento. É o que diz Carmem

⁶ VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 99.

⁷ SOARES, Carmem. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 113.

⁸ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 118.

⁹ Ibid., p. 119.

¹⁰ SOARES, 2006, op. cit. p. 114.

Soares¹¹ ao afirmar que é “na instituição escolar que o discurso pedagógico vai predominar, como aquele que toma por base os preceitos científicos sobre a Ginástica. E é o seu caráter higiênico e moral alargado que contribui para a formação de uma outra estética, a estética da retidão”. Ao criar disciplinas fabricam-se assim corpos

Submissos e exercitados, corpos ‘dóceis’. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essa mesma força (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma ‘aptidão’, uma ‘capacidade’ que ela procura aumentar, e inverte por outro lado a energia, a potencia que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita.¹²

Era possível encontrar essa proposta de corpo modelado e dócil em funcionamento nos colégios muito cedo, desde o ensino primário, passando pelo ensino secundário e atingindo outros níveis da escolarização própria no começo do século XX. Era uma forma de combater a moleza, a decrepitude física, as doenças epidêmicas. Uma forma de prevenção. A prática dos exercícios físicos nas escolas, comum até meados do século XIX apenas as instituições militares, passou no vigésimo século a ser ditada por cientistas, médicos, higienistas, professores, dentre outros.

No caso da Paraíba, e de boa parte dos estados brasileiros, ocorreu uma forte iniciativa médico-pedagógica que almejava o bem estar dos cidadãos. Para isso, publicava-se constantemente nos jornais uma literatura civilizatória, além da exposição de modelos de corpos saudáveis e mais uma série de promessas de beleza e juventude.

Vejamos a seguinte correspondência:

Ilustríssimo Senhor. – São de todo ponto justas as considerações. Prouvera Deus que todos os pais guiassem seus filhos pelo caminho em que puz os meus, que são sete, todos sadios e alegres, formando em tono da minha velhice, que começa a alvejar um carinhoso halo de claridade e conforto. E assim, como se daestravam no mar, exercitavam-se na terra: os rapazes em jogos varonis; as meninas, na corrida de patinação, na corda, só espero que logo se inaugure as aulas de gymnastica para inscrevel-as como alumnas.¹³ [Destques nossos]

Para o Sr. Coelho Netto, guiar pelo caminho em que colocou seus filhos significa dizer obrigá-los à execução de atividades físicas, tanto meninos, quanto

¹¹ SOARES, Carmem. Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: _____. **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2006, p. 115.

¹² FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 119.

¹³ **A União**, 03 abr. 1917.

meninas, tendo cada gênero tipos de exercícios próprios para seus corpos.¹⁴ Uma forma de fazer com que seus filhos fossem

robustos, não só de corpo em músculos, como de espírito em caracter: fortes e enérgicos, resistentes e corajosos, temperantes e alegres, altivos e delicados, tão promptos na represália como obedientes na disciplina, não faltando aos treinos, quando escalados tanto os de natação como os de *football*, desportos que fizeram *imrevisamente*, da Inglaterra que foi sempre um viveiros de *sportsmens*, uma formidável nação guerreira.¹⁵ [Destques nossos]

A prática desses códigos corporais para a família faz parte de um *boom* esportivo, que, juntamente a outros temas, como estética, disciplina, limpeza, beleza, eficiência, inteligência, educação, eugenia, saúde, etc., passaram a ser abordados e problematizados. A correspondência acima, publicada pel' **A União**, traz um protesto, uma argumentação dita “científica” para as questões realçadas pela prática da educação física, seja “no cotidiano da cidade, como no modo de vida das pessoas – os sentidos e significados culturais agregados a tais práticas”.¹⁶ São clamores de jornalistas, médicos, professores, militares e esportistas que ecoam pelos cantos em que chegam as edições dos jornais, revistas, livros conferências e palestras orientando para as boas aventuras do exercício físico como uma identidade valorizada. Aderir a essa prática significava cultivar a civilidade, a higienização, a beleza. Uma forma de reinterpretar a vida considerada moderna como uma metáfora da saúde e do bem estar. Por essa razão, exclamava-se:

Que soem sempre vozes chamando a mocidade as escolas de energia e ainda que os tangos cessem por falta de pares, a Pátria ganhará homens e será bom para todos, como tem sido para os meus filhos e também para mim que os vejo como devem ser homens: viris de corpo e d'ama.¹⁷

¹⁴ O autor da correspondência relatou [para ele] a melhor forma de tornar seus filhos saudáveis: “Abrir as janelas ao sol e ao ar, deixando as crianças soltas no jardim brincando onde e como lhes parecesse: um raio de sol ou uma sombra arejada, na terra ou no gramado, numa redouça entre os ramos ou à maneira dos pássaros, num galho de árvore, chilreando risos. A medida que desenvolviam ia-as eu levando a exercícios salutareos começando a lançal-as ao mar. Alli trebelharam todas desde pequeninas trambohando todas na areia, onde levantavam torres logo desfeitas, correndo com a espuma, arrojando-se a onda”. Cf. **A União**, 03 abr. 1917.

¹⁵ Ibid.

¹⁶ LINHARES, Meily Assbú. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 335.

¹⁷ **A União**, 03 abr. 1917.

Correspondências normativas como essas afirmavam a importância das disciplinas para “a poderosa cultura intelectual, a conducta e o harmonioso desenvolvimento do organismo e da personalidade”.¹⁸ Nesse sentido, a educação física agia sobre a cultura intelectual porque se resolve em movimentos e este tem uma influência

salutar não só sobre o sistema muscular como também o sistema nervoso [...] sob a disciplina da educação física ganham os sentidos em acuidade e precisão e esse ganho se reflecte no intellecto, no desenvolvimento mental do indivíduo sabido a dependência dos sentidos e a harmonia preestabelecida, o parallelismo das funções orgânicas e físicas.¹⁹

A educação dos sentidos foi disciplinada através da ginástica e dos trabalhos manuais, que deveriam ser lições diárias, desenvolvendo o corpo e a inteligência, os hábitos e a ordem, a moral e a economia. Adotou-se uma pedagogia “portadora de preceitos que dão aos corpos uma forma e os esquadriham para submetê-los a normas, seguramente mais ainda que o pensamento”.²⁰ Era papel dos professores repassarem as lições de educação física nas escolas, dos pais em casa e dos esportistas e militares nas ruas. No regime dos internatos, por exemplo,

devem os mestres reservar grande parte do tempo a educação física, não só no interesse da hygiene do corpo dos educandos como no de hygiene da alma. O cansaço resultante do trabalho físico assumirá o papel do mais sagaz e previdente conselheiro com a vantagem de estar presente em todos os recônditos do organismo do educando o que não conseguir os conselhos, elle conseguirá.²¹

A beleza e a saúde são, por fim, alvos visados pela “educação física não só no interesse do indivíduo como também no interesse da raça e da espécie [...] grande e nobre fim esse de aumentar no mundo o patrimônio estético e da saúde”.²² Não se tratava de alargar na terra os raios do hedonismo, mas sim tornar real e duradoura “uma realidade mais elevada e nobre que tenha por base segura um perfeito equilíbrio physio-psychologico”.²³ Beleza e saúde eram faces tangíveis e luminosas do fenômeno moral,

¹⁸ **A União**, 21 set. 1917.

¹⁹ Ibid.

²⁰ VIGARELLO, Georges. **O limpo e o sujo**. Uma história da higiene corporal. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 9.

²¹ **A União**, 21 set. 1917.

²² Ibid.

²³ Ibid.

um discurso normalizador que buscou desempenhar “creanças robustas e saudáveis e a pureza dos costumes dos seus pais e progenitores”.²⁴ Uma política educativa que visou redimir os erros físicos dos costumes dos antepassados através das práticas salutaras da ginástica, da higiene, da sobriedade na comida e nos prazeres. Sentidos que almejavam fortalecer “o corpo e o espírito para tornar possível uma civilização mais profunda e original, em que reine a justiça em virtude de determinismos iniludíveis e impere a beleza como uma fatalidade moral”.²⁵ O corpo e a energia deveriam ser rigorosamente disciplinados e organizados durante a infância, fase da vida em que o organismo revelava as energias adormecidas.

Divulgar a educação física nas ruas, através dos modelos de corpos que desfilavam garbosamente pela cidade da Parahyba,²⁶ fazia parte de um programa de divulgação da eugenia enquanto uma doutrina que estava diretamente associada ao higienismo. O melhoramento do corpo e a segurança da saúde eram o tema da ordem do dia, um debate que disciplinava parte da população. Uma educação dos sentidos que despertava o desejo e almejava manter o bom funcionamento do corpo. Os espaços medicalizados, a partir da década de 1920, eram pensados “como veículo de formação harmônica do corpo e do espírito”,²⁷ uma vez que a educação física desenvolvia as funções físicas e psíquicas, no sentido de melhorar o aproveitamento do corpo de homens e mulheres, bem como o desenvolvimento da espécie.

Vera Regina Marques Beltrão²⁸ afirmou que, nessa época, tornou-se bastante claro a atuação dos eugenistas no controle sobre a população em todas as esferas da vida social, pois o saneamento pela educação estendia-se sobremaneira, a se considerar que o país vivia tempos de entusiasmo pela educação do corpo e pedagogia do otimismo em relação às novas políticas de higiene que eram lançadas sobre a população. Uma educação que não bastava legislar, mas sim educar. Regenerar os hábitos, propagar a higienização dos costumes, um espaço aberto para as reformas morais e intelectuais propostas pelos médicos. Um discurso que entendia ser “necessário instruir o povo para

²⁴ **A União**, 21 set. 1917.

²⁵ Ibid.

²⁶ Nome da capital paraibana até o ano de 1930.

²⁷ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da raça**. Médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Unicamp, 1994, p. 101.

²⁸ Ibid., p. 102.

que se conquistasse a cidadania, pois somente o conhecer proporcionaria vencer e progredir, fazendo do país uma nação civilizada”.²⁹ Dessa forma, atitudes como incentivar a realização de exercícios como a “contração e relaxação dos músculos feita alternadamente, promovia a impulsão de sangue nas veias e uma aspiração de sangue nas artérias que se generalizam por todo o organismo e tornam mais fácil o trabalho do coração”.³⁰

Ao tratar dos cuidados com o coração, **A União** publicou, em meados de fevereiro de 1923, as seguintes normas: “Não encolerar-se”,³¹ pois a raiva intensa “aumenta o trabalho do coração de 75 kilos por minuto para 112 kilos e meio [...] com esse esforço o coração de um animal partiu-se literalmente, causando morte instantânea”.³² Quando se impõe “serviço extraordinário emocional - como a raiva - ao coração, em breve elle fica inutilizado”; dever-se-ia impedir “qualquer emoção forte, pois aumenta o trabalho do coração que fica sobrecarregado”;³³ já levantar “peso na mão e a essa altura tantas vezes num minuto quanto bate o coração”;³⁴ e correr de “bicycleta numa ladeira de 10 por cento, aumentando o trabalho do coração num esforço que equivale uma tonelada e um oitavo, a um pé de altura”,³⁵ esta foi escolhida como um tipo de ginástica que mantinha a saúde do coração.

Os efeitos da educação física para o corpo logo se tornariam visíveis: o melhoramento da raça e o aperfeiçoamento da espécie humana. Assim, o jornal **A União** é incisivo: “É dever de todo homem, pela prática da gymnastica, concorrer para o objectivamento desse almejado ideal de perfeição, tornando-se colaborador da natureza”.³⁶ Porém, para a realização da atividade física, postulou-se ser preciso passar primeiro pela análise médica, não apenas na escola, mas fora dela. Os médicos eram responsáveis por realizar esse tipo de avaliação, indicando o melhor tipo de exercício físico para os gêneros, para combater determinados tipos de doenças ou ainda para o

²⁹ MARQUES, Vera Regina Beltrão. **A medicalização da raça**. Médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Unicamp, 1994, p. 101.

³⁰ **A União**, 05 jun. 1919.

³¹ **A União**, 10 fev. 1923.

³² Ibid.

³³ Ibid.

³⁴ Ibid.

³⁵ Ibid.

³⁶ **A União**, 05 jun. 1919.

melhor desempenho do corpo. Outro fator que saltava aos olhos médicos eram as questões relacionadas à idade e ao sexo; em relação a isso, o discurso médico chamou a atenção da população para as seguintes informações:

O crescimento tem duas épocas críticas: a phase que vai até os dois anos quando o menino começa a andar desembaraçadamente e a puberdade. Estas nas meninas vão dos 13 aos 15 annos e nos rapazes dos 15 aos 18 annos. Na puberdade dá-se uma revolução completa no organismo. O coração e o pulmão soffrem acréscimo de trabalho. O organismo é abalado por novas funções, a própria vida physica ultimando a sua evolução exige maior abundancia de energia vital. Conforme os casos individuaes o médico mandará suspender ou não, os exercícios de gymnastica nessa época.³⁷

A observação do desenvolvimento foi importante para a aplicação da ginástica nas mais diversas fases da vida. Exercícios para a infância tinham o sentido de extravasar energias em abundância, na puberdade de corrigir as más posturas e afastar doenças. Todas as etapas deveriam ser vigiadas pelos médicos. Um discurso normalizante que nem sempre se realizava na prática, visto que a quantidade de médicos que existia na cidade da Parahyba ainda era insuficiente para a população da época. Segundo Oscar Oliveira de Castro,³⁸ durante a década de 1920, a capital da Paraíba dispunha de aproximadamente trinta profissionais que se dividiam nas funções de dirigir, clinicar e operar nos hospitais, controlar o saneamento e higiene do porto e da cidade, medicar nas casas e curar os corpos. Além disso, entre 1912 e 1924 várias epidemias amedrontaram a população: a peste bubônica em 1912, a varíola em 1913, 1917, 1921 e 1924, a gripe espanhola em 1918, dentre outros hóspedes indesejáveis que se instalavam nos corpos e convidavam a morte. No mais, ainda havia aqueles que se dedicaram à medicalização da escola, formação de professores e atendimento para liberação ou não da atividade física dos alunos. Um exemplo para a época foi a existência de médicos polivalentes, como Flávio Maroja, que dirigia o **Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba**, a **Santa Casa de Misericórdia**, o **Porto de Cabedelo**, a **Sociedade de Medicina**, ocupou o cargo de Vice-Presidente da Paraíba e ainda lançou normas médico-pedagógicas para as escolas. Caso contrário, a prática não se efetivaria.

³⁷ **A União**, 05 jun. 1919.

³⁸ CASTRO, Oscar Oliveira. **Medicina na Paraíba**. João Pessoa: A União, 1945.

Em seu discurso solene de abertura da Semana Médica, Flávio Maroja alegou que “a gymnastica deve ser feita em *local e hora* apropriados e não deve durar muito tempo: 20 minutos no máximo”,³⁹ além de afirmar que a hora mais propícia para o exercício físico era pela manhã, antes do banho. Vale salientar que isso é válido para fora da escola. Nessas instituições, o problema se complicava. Existia, em 1919, uma discussão para ver se a ginástica deveria ser realizada antes ou depois das lições, pois o trabalho físico produzia fadiga. O antigo modelo de pedagogia cometia “um erro quase inexplicável considerava a gymnastica e os esforços físicos em geral antes ou depois de um trabalho intelectual, como uma distração, um repouso recomendável”;⁴⁰ os escolanovistas consideravam ser um “engano” tal prática, suscitando a seguinte questão: “se a gymnastica se faz no começo da aula prejudica o ensino que se seguir, se a lição de gymnastica se dá depois das aulas os exercícios intelectuaes que precederam não permitem que o alumno tire o proveito necessário”.⁴¹ Parece que não se chegou a um consenso sobre a melhor prática a seguir, acabando por se indicar o modelo francês, o qual propõe que



a série de exercícios palestricos seja dividida em duas partes, uma educativa, outra higiênica. A primeira que visa desenvolver a atenção e a prontidão dos movimentos deve ser feita antes da aula; a segunda composta de exercícios próprios para descongestionar o cérebro e corrigir as atitudes depois das lições.⁴²

Esse modelo francês era considerado, nas décadas de 1910 e 1920, o “melhor programa de ensino de todos os povos cultos constituindo uma verdadeira paixão nos lugares onde a pedagogia atingiu a maior perfeição”.⁴³ Modelo que também foi adotado em países como os Estados Unidos da América e a Alemanha; lugares que tratavam a educação física como sendo salutar à higiene, onde se entrelaçavam graves interesses: pátria, raça e humanidade. Um modelo que visava ser o caminho da “perfeição estética que conduz a perfeição moral, fim ultimo da vida e do universo”.⁴⁴ Enfim, almejava-se, de alguma forma, energizar e higienizar, dar firmeza e veemência, eficácia e potência,

³⁹ MAROJA, Flávio. Educação sanitária. In: _____. **Semana Médica**. Parahyba: Imprensa Oficial, 1927, p. 85.

⁴⁰ **A União**, 10 jun 1919.

⁴¹ Ibid.

⁴² Ibid.

⁴³ Ibid.

⁴⁴ **A União**, 05 jun. 1919.

força e higiene ao corpo através dos modelos importados que ganhavam credibilidade no debate médico. Um sistema que modela o corpo, disciplina os cenários, cria valores, sentidos e sensibilidades. A divulgação do esporte como incentivo à prática da educação física buscou reordenar corpo, alma, caráter, temperamento e índole de cada brasileiro.

Ninguém deveria ficar parado. Não se praticava atividade física só nas escolas. A ginástica não era exclusividade apenas das crianças. O esporte, ou melhor, *sport*, tornou-se um

elemento capaz de alterar a cena urbana e as relações entre as pessoas, pois as escalas, potenciais e velocidades envolvidos nos novos equipamentos e instalações excedem em absoluto as proporções e as limitadas possibilidades de percepção, força e deslocamento do corpo humano.⁴⁵

As capitais dos estados brasileiros passaram a ser, no início do século XX, cidades esportivas, seguindo o modelo do Rio de Janeiro, que já modelava-se esportivamente desde o século XIX.⁴⁶ O discurso médico higienista contemplava o esporte como fator vital para o aprimoramento físico do corpo, daí o incentivo às elites para a criação de clubes – na cidade da Parahyba foi criado o Clube Cabo Branco, por exemplo – como parte do que Victor Melo⁴⁷ chamou de “febre esportiva” ou “civilização esportiva”, uma euforia pelo moderno, pelos novos modos de ver e de ser visto, de agir, jogar, se comportar, de lidar com o corpo. Em cidades do interior da Paraíba já se praticavam recreações esportivas, como mostra Serioja Mariano⁴⁸ ao falar da natação na cidade de Princesa Isabel, onde ocorriam competições aquáticas de 300 metros no açude Ibiapina. O incentivo à prática esportiva despertou interesses e críticas:

O debate sobre o esporte acontecia na sociedade como um exercício de demarcação de identidades compartilhadas e politicamente posicionadas, onde adesões e críticas, prós e contras, eram expressos por jornalistas, médicos, educadores, militares e esportistas por meio de jornais, revistas, livros, estudos, conferências, teses. Suas ideias circulavam em congressos, associações, clubes agremiações,

⁴⁵ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritmos e ritos do Rio. In: _____. (Org.). **A história da vida privada no Brasil: da belle époque a era do rádio**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 516.

⁴⁶ Cf. LINHARES, Meily Assbú. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 334.

⁴⁷ MELO, Victor Andrade de. **História da educação física e do esporte no Brasil**. Panorama e perspectiva. São Paulo: Ibrasa, 1999.

⁴⁸ SERIOJA, Mariano. **Signos Modernos? O Arcaico e o Moderno na Cidade de Princesa (PB) na Década de 1920**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2010.

sociedades... múltiplos lugares de produção de ideias, de práticas, de interesses e de discursos.⁴⁹

O esporte passou a ser entendido como parte de uma vida moderna de uma parcela da sociedade, que assumia um lugar de prestígio social. O corpo representava tal prestígio. Estar dentro dos padrões eugênicos, higiênicos e esportivos da época dava valor ao cidadão com tudo no lugar. O corpo rígido ganhava sintonia com o mundo moderno. Não se tratava de um reconhecimento pleno de toda a sociedade, mas de grupos ditos “científicos” que divulgavam o modelo de corpo esportista, como também daqueles homens e mulheres que se encantavam com os novos padrões estéticos.

Nos clubes da capital paraibana adotou-se o *football* como um o tipo de esporte que levou ao “aperfeiçoamento physico da infância numa zona equatorial indifferentemente em todas as estações; excessivos porque levamos a meninada de uma inércia muscular quase completa a um dispêndio formidável de energia”.⁵⁰ Porém, esse tipo de esporte, como bem lembra o jornalista Carneiro Leão na edição d’**A União** de 10 de julho de 1919, prioriza apenas os meninos, busca desenvolver o corpo masculino. Para o jornalista, as mulheres são



Lamentavelmente descuradas e crimosamente abandonadas a um regimen de reclusão e imobildade. Não há entretanto uma razão para tal disparidade de processos educativos. Se o homem pela necessidade que tem de ganhar a vida nas suas diversas formas, de lutar e vencer carece de ser forte, a mulher não o carece menos pelas condições de creadora de elaboradora de vidas. É preciso ser forte para produzir filhos fortes.⁵¹ [Destaque nosso]

Fica claro, no documento, a reivindicação para o esporte feminino. O corpo das meninas também deveria ser moldado pela educação física. Além disso, um claro discurso eugênico é realçado para o leitor: “É preciso ser forte para produzir filhos fortes”. Um modelo eugênico adotado na Inglaterra e na Alemanha, visando à melhoria da raça. Homens saudáveis e fortes casavam com mulheres saudáveis e fortes para terem filhos na mesma condição, eliminando, assim, as deficiências, a feiura, as doenças, etc. Daí, no Brasil, a necessidade de lapidar o corpo feminino aos moldes

⁴⁹ LINHARES, MeilyAssbú. **A escola e o esporte: uma história de práticas culturais**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 335.

⁵⁰ **A União**, 10 jul. 1919.

⁵¹ Ibid.

eugênicos do começo do século XX. Travava-se de uma luta por espaço. O corpo feminino reivindicava o direito à busca da saúde e perfeição física.

O discurso sobre a mulher, dentro desse contexto, abria possibilidades para outros espaços, como o dela enquanto mão de obra. Carneiro Leão afirmou, metodicamente, que a mulher, em países como Inglaterra, Suíça e América do Norte, é uma concorrente do homem, uma companheira de labor, uma cooperadora da grandeza de sua raça e que deveria ser “educada nas mesmas escolas, pelos mesmos livros, com os mesmos processos”;⁵² são mulheres que estão com os homens “prontas para as lutas mais árduas como para a vitória mais difícil”.⁵³ A partir da exposição do modelo, segue a indagação: “Por que não tentar seguir no que for possível a orientação moderna?”. Numa época em que a necessidade da preparação física era comum aos dois sexos, nada mais justo do que esse tipo de inquietação. Um discurso que normatiza corpos, higieniza a alma e eugeniza a sociedade.

Dentre os diversos tipos de atividades físicas, o jornalista destacou, para o bom desenvolvimento do corpo, aquelas ligadas à natureza: “correr, saltar, trepar as árvores parece evidentemente os mais naturais, entretanto não se deve resumir nesses os processos educativos da infância”;⁵⁴ destaca-se a importância das ginásticas ao ar livre, expostas ao sol, como o *football*, os campeonatos, “a jardinagem, o plantio de frutas e verduras como um magnífico exercício físico no qual os alunos em companhia e na mais franca camaradagem ganham utilidade dos movimentos musculares”;⁵⁵ soma-se, ainda, a criação de animais, a marcenaria e outros trabalhos manuais considerados pelos médicos “de grande alcance higiênico e educativo”;⁵⁶ além das atividades de natação, que deveriam fazer parte das escolas.

Preparar o corpo para a maternidade não era a única finalidade da ginástica. Os cuidados com o corpo contribuíam diretamente para a beleza feminina, realçando “seus encantos naturais”.⁵⁷ O “sportmethodizado e a gymnastica são os movimentos da vida e

⁵² **A União**, 10 jul. 1919.

⁵³ *Ibid.*

⁵⁴ *Ibid.*

⁵⁵ *Ibid.*

⁵⁶ *Ibid.*

⁵⁷ **A União**, 08 mai. 1923.

a saúde o essencial da beleza”.⁵⁸ Dessa forma, entendo que a história da higiene, do esporte e da educação física contribui diretamente para uma história da beleza dos gêneros. Uma beleza moldada pelos padrões normativos e que fora colocada à disposição de uma parcela da população paraibana. As próprias escolas privadas que adotaram em seu currículo, a partir de 1913, as disciplinas de higiene e educação física, atendiam a uma parcela da população elitizada, que podia pagar às escolas católicas, as quais se vestiam do discurso moderno medicalizado para atrair sua clientela. Foram as escolas que adaptaram tais disciplinas às necessidades de uma época, comungando com uma ação que envolvia três segmentos: os médicos, interessados em divulgar um conhecimento para o bem estar do corpo, os professores, que disciplinavam os alunos, ensinando-lhes códigos de civilizar e, por fim, os alunos, que recebiam essas normas, se reeducavam e desejavam os corpos hígidos.

Não poderia afirmar que esses novos preceitos medico-pedagógicos foram inseridos nas escolas públicas desde a década de 1910. Com a criação da **Revista do Ensino**, em 1924, foram proferidas as primeiras formações para professores do ensino público das disciplinas de higiene e educação física. Essa orientação surgiu a partir do debate sobre eugenia e higienismo na **Sociedade de Medicina da Paraíba**, que promovia eventos para discutir os códigos científicos que chegavam da capital federal. A **Semana Médica**, organizada pelo médico sanitarista Flávio Maroja, deu o pontapé inicial no debate que visava estender para as escolas públicas essas disciplinas. Vale lembrar ao leitor que as práticas de higiene implicavam na normatização do cotidiano, regulando todos os passos da criança, desde o acordar, escovar os dentes, portar-se à mesa do café até a formação de sua índole. A escola tornava-se a comissão de frente desse tipo de educação. Era a divulgadora dos hábitos considerados sadios, que se constituíam, muitas vezes, em escovar os dentes, tomar banho, ir à latrina e depois lavar as mãos, deitar cedo e dormir com a janela aberta, beber mais de quatro copos de água por dia, comer ervas, frutas e tomar leite, mastigar devagar a comida, não falar de boca cheia, andar sempre limpo, manter as roupas perfumadas, não ter medo, não mentir, não ser preguiçoso, respeitar pai e mãe, limpar as unhas, lavar o rosto, enxugar o suor, prender os cabelos, forrar a cama, correr, respirar bem, falar com calma, sentar com postura, gesticular pausadamente, saber a importância da alimentação na hora certa,

⁵⁸ **A União**, 08 maio 1923.

jogar, fazer exercícios físicos, aprender a costurar e cozinhar no caso das meninas, ser forte e viril no caso dos meninos, enfim, ter o corpo hígido.

Nesse sentido, a escola foi o principal local de propagação do saber médico. Um lugar privilegiado para a formação de cidadãos. Espaço que abre margem para diversos estudos sobre o tema da medicalização escolar.

